

Alteridade na programação televisual: um estudo sobre abordagens da diferença nas emissoras abertas e fechadas brasileiras¹

Sofia Bartolomeu Tavares²

Julia Villar Meniquetti³

José Augusto Mendes Lobato⁴

Universidade Anhembi Morumbi – UAM

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os resultados preliminares de um projeto de pesquisa centrado nas estratégias de abordagem da alteridade em produtos da cultura televisual brasileira. Para isso, debruçamo-nos brevemente sobre a discussão da alteridade e da diferença nos processos e narrativas audiovisuais contemporâneas e, em específico, detalhamos procedimentos para a análise das grades de programação de oito emissoras – Modo Viagem, GNT, OFF, Futura, Globo, Band, SBT e Record – de televisão aberta e fechada do Brasil. Os resultados indicam a presença contínua das temáticas da alteridade nesses espaços, com predominância para as narrativas de viagens e do exótico na televisão fechada e, na aberta, para narrativas factuais e de informação sobre temáticas de direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; cultura audiovisual; alteridade; grade de programação; narrativas de alteridade.

1. Introdução – a questão do outro, o audiovisual e a televisão

O reconhecimento de regiões, culturais e modos de vida por meio dos procedimentos de representação midiática é objeto consagrado de estudo nas análises narrativas e discursivas que tangenciam a cultura audiovisual. Entendendo esta como elemento transversalmente presente nos mais diversos gêneros e formas, em evidente conexão com a indústria da cultura (RAMOS; BUENO, 2001), assumimos que investigar a questão do Outro – e as narrativas de alteridade (LOBATO, 2017) a ela relacionadas – é fundamental para entendermos as dinâmicas de reconhecimento, produção de sentido, identificação e construção da diferença nas mídias. Como parte de um trajeto mais amplo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação em Jornalismo do 7º semestre da Universidade Anhembi Morumbi. Bolsista PIBIC/CNPq de Iniciação Científica na Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: sofiabartolomeutavares@gmail.com

³ Estudante de Graduação em Jornalismo do 7º semestre da Universidade Anhembi Morumbi. Estudante de Iniciação Científica na Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: juhfcmeniquetti@gmail.com

⁴ Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Doutor em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM-USP, com pesquisa pós-doutoral pelo PPGCOM-UAM. Líder do Grupo de Pesquisa AlterMídia – Laboratório de Estudos em Cultura Audiovisual, Alteridade e Mídias (UAM-CNPq). Orientador da pesquisa. E-mail: gutomlobato@gmail.com

de pesquisa, a questão do Outro é fundante de nossa relação com a realidade; conecta-se às finalidades essenciais das representações sociais, que buscam “tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Se de um lado também formamos e reformulamos identidades na representação, como diz Stuart Hall (2001), devemos reconhecer que é por meio dos discursos que dizem sobre o mundo, seus sujeitos e seus fenômenos que firmamos laços de identificação e pertencimento. Nas palavras de Woodward (2000, p. 17), “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Especificamente na cultura audiovisual contemporânea, podemos identificar a abordagem da alteridade em diversas direções. De um lado, o “exótico”, o “distante”, o “estrangeiro”, aquele que corresponde a uma imagem pretensamente inacessível que demanda tradução; de outro, o Outro que emerge como fissura, como contra-narrativa dentro de nossos territórios, cujas formas “continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras (...) e perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas” (BHABHA, 1998, p. 211). Na prática, identificamos em pesquisas anteriores (LOBATO, 2017, p.262) que as *narrativas de alteridade* se dividem em duas dimensões: geográfica (centradas na formulação do distante, do exótico e do estrangeiro) e sociocultural (centradas em diferenças existentes em uma mesma comunidade nacional). Elas têm distinções em seus modos de operação, mas se alinham a um conjunto de estratégias narrativas e discursivas:

Assim como a narrativa da nação, a de alteridade pode – e tende a – ser preexistente à consciência individual. Atua de modo convencional e prescritivo, como diz Moscovici (2003), ou disciplinar, nos termos de Foucault (1996) e Gomes (2003), pois nos ensina a enxergar o outro sob determinado ângulo, orientando consensos sobre ele produzidos e definindo seus traços que são trazidos à luz na representação. E pode ocorrer tanto nos relatos que nos apresentarão um Brasil distante, idealizado e, por vezes, exótico/“estrangeirizado” – dentro da categoria que definimos como alteridade sociocultural – quanto em narrativas que nos levarão a uma jornada rumo a regiões espacialmente distantes (alteridade geográfica) (LOBATO, 2018, p. 303-304).

Nosso objeto, portanto, está nas narrativas de alteridade que circulam na cultura audiovisual brasileira, mais precisamente na televisão. Neste texto, centramos esforços na primeira etapa da pesquisa – dedicada à observação da incidência e das abordagens temáticas da alteridade presentes nas emissoras abertas e fechadas do País.

2. Metodologia, corpus e procedimentos

Em desenvolvimento nos anos de 2024 e 2025, nosso estudo tem como objetivo geral avaliar as estratégias narrativas, discursivas e de distribuição de conteúdos sobre dimensões de alteridade no audiovisual brasileiro, com foco nos produtos televisuais e sua relação com sujeitos representados e estratégias narrativas diversas. Para isso, observamos em primeira fase (concluída em março de 2025) a incidência de narrativas de alteridade nos diferentes gêneros, formatos e categorias da cultura televisual brasileira.

Para isso, propusemos um estudo da grade de programação em período definido de 24 de fevereiro a 3 de março de 2025, contemplando um universo de quatro emissoras de televisão aberta (Globo, Record, Band e SBT) e quatro da televisão fechada / por assinatura (Modo Viagem, GNT, OFF e Futura). A definição das emissoras a serem estudadas levou em conta os índices de audiência média (Ibope) mensurados para a televisão aberta e, na televisão fechada, pela longevidade e audiência das emissoras selecionadas. Em seguida ao passo de definição do universo de pesquisa e seu primeiro recorte, ainda em 2024, procedemos à delimitação das estratégias de categorização. As pesquisadoras envolvidas, estudantes de Jornalismo, sendo uma delas bolsista PIBIC/CNPq, trabalharam em conjunto com o orientador nessas estratégias, que resultam em uma organização da programação das emissoras considerando seus produtos (a exemplo de séries, seriados, programas de variedade, telejornais etc.) de transmissões pontuais ou eventuais. Priorizamos na análise os programas, pela recorrência e possibilidade de levantamento temático mais claro no período da pesquisa de campo.

Neste primeiro momento, em que uma análise pormenorizada dos produtos não seria ainda viável, definiu-se o estudo dos temas explorados e a identificação da dimensão de alteridade como prioridade. Ademais, optamos por demarcar os gêneros e formatos televisuais, com base na classificação de Aronchi de Souza (2004), em categorias (Informação, Entretenimento, Educação e Outros) e gêneros (11, entre telejornal, documentário, série/seriado, telenovela, auditório, variedades etc.). No período de 24/2 a 3/3, assistimos às emissoras e tabulamos a natureza dos programas, tomando notas; além disso, em caráter exploratório e qualitativo, assistimos em detalhe a alguns deles para observar estratégias. Ao final, os dados são apresentados em uma tabela consolidada que lista as principais recorrências de dimensões de alteridade, temas abordados e gêneros/formatos por emissora (oito canais) e pelo tipo de emissora (aberta ou fechada).

3. Resultados e apontamentos preliminares

Os resultados identificados por nós até o momento permitem lançar um primeiro olhar sobre a incidência de produtos audiovisuais sobre a alteridade na TV aberta e fechada brasileira. Entre alguns indicadores gerais, identificamos na semana da pesquisa 160 produtos audiovisuais exibidos na TV fechada (OFF, Modo Viagem, GNT e Futura) e 158 produtos audiovisuais exibidos na TV aberta (Globo, Band, SBT e Record). Destes, 79 produtos audiovisuais da TV fechada e 35 da TV aberta abordam questões de alteridade geográfica ou sociocultural. Na TV fechada, 11 dos programas abordam especificamente a alteridade geográfica, priorizando-se os gêneros de variedades e grande reportagem/documentário; e 22 abordam a alteridade social e cultural, com foco em programas sobre viagens pelo Brasil, representações de culturas regionais, juventude e temáticas étnico-raciais. As demais combinam as duas dimensões de alteridade e são prioritariamente programas de viagens. Na TV fechada, a subcategoria de “Biomass e regiões do Brasil” é a predominante. Canais como Futura e GNT enfatizam pautas de olhar brasileiro, como nos programas "Casa Brasileira" (GNT), "Preto tá na Moda" (Futura) e "Sou cultura popular", além de Amazônia - Novas Histórias" (ambos também do Futura). Já os programas com olhar internacional incluem “Expedição Austrália”, “Turismo Egito” e “Jordânia Extraordinária” (Modo Viagem).

Na TV aberta, notamos menor incidência de abordagens da alteridade. Das 35 produções identificadas, há absoluta predominância de produtos de informação ou informação + entretenimento (infotainment) (32 programas) e dos gêneros telejornal e grande reportagem/documentário. Destaque-se que, no período, a habitual abordagem de países estrangeiros ou biomas do Brasil em telenovelas nas emissoras Globo e Record não ocorreu. Diferentemente da TV fechada, ao invés de “Biomass e regiões do Brasil”, a principal subcategoria de alteridade foi “Direitos Humanos”, explorada em programas como “Fantástico” e “Globo Repórter” (Globo). Nota-se uma distinção a partir dos dados brutos entre a presença das temáticas de alteridade nas televisões aberta e fechada; os canais por assinatura pautam sua programação de acordo com temáticas internacionais ou de apresentação de culturas e regionalidades brasileiras – pontue-se que o canal Modo Viagem em específico tem programação centrada no aspecto de viagens, influenciando bastante nossos resultados. Já a TV aberta direciona os esforços de abordagem da alteridade de modo claro a partir do eixo da informação, com prioridade ao recorte

“Direitos Humanos” (que inclui temas como povos originários, populações de grupos minorizados, desigualdades e iniquidades e exclusão social). Somos levados, assim, a pontuar que a abordagem das temáticas de alteridade tem maior propensão às narrativas de viagens e deslocamentos na televisão fechada, enquanto a TV aberta segue mais diretamente a dinâmica de narração informativa sobre a alteridade, fruto das próprias configurações de gênero e formato – em que, mesmo pesando-se a presença de produtos seriados de ficção nas grades, as emissoras contam com volume elevado de horas para telejornais e programas jornalísticos – e do caráter segmentado dos canais de TV fechada.

Quanto à abordagem temática em si, as dimensões de alteridade que mais aparecem com frequência exploram a cultura, os povos e os territórios de países estrangeiros. A alteridade sociocultural é abordada de maneira muito sutil. Apesar de haver um movimento de exaltação da cultura nacional, ainda é muito pequena sua mobilização. Somos levados a crer que não há um movimento natural das emissoras abertas para fazer programas que envolvam a questão da alteridade além da informação jornalística. As emissoras de televisão aberta pouco exploram a alteridade em sua programação. Quase toda a alteridade fica com os telejornais, que por sua vez são muito ágeis e quase nunca abordam toda a complexidade sobre a questão da alteridade. Quando fogem desse parâmetro, os programas que exploram a diferença/o Outro acabam passando em horários alternativos da programação, o que acaba não atingindo a grande parte dos telespectadores. Nas emissoras abertas, o jornalismo de viés factual-informativo ainda está muito entranhado com a questão da alteridade.

Nas emissoras fechadas, a questão da alteridade é abordada de forma mais multifacetada, com programas que priorizam conhecer e explorar novos lugares e culturas. Entretanto, a forma de abordagem acaba sendo muito parecida na maioria dos programas, que faz com que a programação pareça sempre a mesma, além de em alguns casos notarmos que as estratégias de abordagem parecem reducionistas, com uma visão de quem não vivencia as dimensões de alteridade sobre a cultura e o local. A defasagem na parte dos canais de TV aberta pode estar associada à predominância dos temas em notícias factuais, regionais, nacionais e internacionais, em produções nas quais não se abordam temas que visam adentrar diferentes culturas, etnias ou a biodiversidade, a não ser no meio jornalístico. A movimentação no quesito alteridade está presente em canais como Futura, no qual notamos grande diversidade étnica, e regional, abordando o povo

brasileiro como foco principal de quase toda a programação, com programas voltados aos fazeres, saberes e à arte. Destacamos ainda a estratégia de abordagem ecológica: tanto no canal Futura quanto no OFF, observa-se uma ênfase na biodiversidade e debates sobre o desenvolvimento sustentável. A grande particularidade apresentada no Canal OFF é outro ponto de diferenciação: com uma abordagem no esporte, nota-se propensão a explorar etnias, classes sociais, grupos sociais como pessoas com deficiência e regiões do Brasil.

Conclui-se que o levantamento da grade de programação nos serve como sinalizador para estratégias de abordagem e tematização da alteridade em escopo geral, sendo necessário o posterior exame específico de alguns produtos e programas, a fim de avaliar sua operação discursiva e examinar suas principais estratégias de representação para os eixos sociocultural e geográfico.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- GOMES, Itania (Org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Guaracira, 2001.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri / PUC Rio, 2016.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LOBATO, José Augusto Mendes. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem**. Um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação), Universidade de São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2017.tde-31052017-102241.
- LOBATO, José Augusto Mendes. A narração de alteridade na ficção e na grande reportagem: apontamentos sobre os modos de representação do outro na televisão brasileira. **RuMoRes**, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 299–318, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2018.137943.
- RAMOS; José Mario Ortiz; BUENO, Maria Lucia. **Cultura audiovisual e arte contemporânea. São Paulo em Perspectiva**, 2001, v. 15, ed. 3.
- SILVERSTONE, Roger. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**, 2002, v.33, p.761-780.
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004,
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.